



## FOLCLORE GUASCA E AÇORIANO

*Cecília Meireles*

DOIS acasos felizes colocam nas minhas mãos o *Cancioneiro Guasca* de J. Simões Lopes Netto — obra que, embora impressa ainda em 1928, parece já raridade — e o *Cancioneiro Popular Açoriano* coligido pelo poeta micaelense Armando Côrtes-Rodrigues.

Sobre este cancionário açoriano haveria muito a dizer, considerando que nele se encontram cantigas de todo o Arquipélago, discriminadas ilha por ilha. Mais ainda haveria a dizer sobre o seu autor, um dos mais finos poetas da língua portuguesa que apenas a fatalidade do Atlântico conserva, como a outros valores literários, um pouco fora do nosso alcance.

Infelizmente, o cancionário ainda não está impresso senão até a letra C — de acordo com a ordem alfabética adotada na classificação das quadras. Mas, ainda assim, essa parte, que por cortesia do autor nos foi dado conhecer, abrange oitocentas e quarenta e seis cantigas açorianas, cujo confronto com as do *Cancioneiro Guasca* é bastante curioso, sobretudo se recordarmos as antigas relações do Rio Grande do Sul com os Açores, pelos caminhos da emigração.

Muitas cantigas açorianas existem, naturalmente, também, nos cancionários do Continente, como muitas des-

tas cantigas guascas figuram no cancionário geral do Brasil. Mas, como todos sabem, à medida que uma cantiga popular vai caninhando, sofre modificações de tempo e lugar — salvo os raros casos em que se estabiliza como indestrutível — e a aproximação das versões açoriana e guasca é o que ora pretendemos fazer, sem nenhum propósito imponente — apenas para pôr em contato gaúchos e açorianos, e recordar sua estirpe lírica, ainda vibrante.

Das quadras comparadas, a mais fielmente repetida é a que Simões Lopes Netto registrou assim:

"Aqui tens meu coração  
E a chave para o abrir;  
Não tenho mais que te dar  
Nem tu o que me pedir".

A versão da Ilha Terceira reza:

"Aqui tens meu coração  
E as chaves para o abrir;  
Não tenho mais que te dar,  
Nem tu mais que me pedir

Como costuma acontecer frequentemente, um ciclo de cantigas se desenvolve sobre o motivo desses dois primeiros versos. Mesmo no *Cancioneiro Popular Açoriano* vêm registradas

quatro, das quais a mais bela, sem dúvida, é esta, da Ilha de São Miguel:

"Aqui tens meu coração,  
A chave para o abrigo,  
A c'roa para o c'roares,  
A seta para o ferir."

○○○

Lê-se no *Concioneiro Guasca*:

"As estrelas do céu correm  
Tôdas elas, carreirinhas;  
Assim correm os amôres  
Das tuas mãos para as minhas."

A cantiga-tipo desse ciclo parece ser a que se canta no Continente:

"As estrelas do céu correm  
Tôdas numa carreirinha;  
Assim corresse a fortuna  
Das mãos de Deus para a minha."

Em termos mais sentimentais, além da canção guasca já transcrita (com uma interessante confusão no segundo verso), se encontram estas duas versões também açorianas, a primeira da Ilha de Santa Maria, a segunda da Ilha de São Jorge:

1 — "As estrelas do céu correm  
Tôdas numa carreirinha;  
Assim corresse as prendas  
Da tua mão para a minha."

2 — "As estrelas correm tôdas,  
Tôdas numa carreirinha;  
Assim corresse os bellos  
Da tua boca pra minha."

○○○

Pertence à Ilha de São Miguel esta versão:

"Amar e saber amar  
São dois pontos delicados;  
Os que amam não têm conta,  
Os que sabem, são contados."

É no concioneiro guasca:

"Amar e saber amar  
São dois pontos delicados;  
Os que amam são sem conta;  
Os que sabem, são contados."

○○○

São também quase imperceptíveis as diferenças entre estes dois exemplos, o

primeiro da Ilha do Pico, o segundo do *Concioneiro Guasca*:

1 — "Até onde as nuvens giram  
Vão meus suspiros parar,  
E tu, tão perto de mim,  
Sem me ouvires suspirar."

2 — "Até onde as nuvens giram  
Vão meus suspiros parar;  
E tu, tão perto de mim,  
Não me ouvires suspirar!"

Os quatro exemplos seguintes, extraídos do *Cancioneiro Popular Açoriano*, provém da Ilha de São Miguel:

1 — "Atirei uma laranja  
À porta da sacristia,  
Deu na prata, deu no ouro,  
Deu no amor que eu queria."

2 — "A rosa tem vinte folhas,  
O cravo tem vinte e uma;  
Anda a rosa em demanda  
Por o cravo ter mais uma."

3 — "A laranja quando nasce,  
Nasce logo redondinha;  
Também tu, quando nasceste,  
Logo foi para ser minha."

4 — "Amor de perto é querido,  
De longe, mais estimado;  
De perto me causa pena,  
De longe, pena e cuidado."

As quatro quadras correspondentes, no *Concioneiro Guasca*, vêm a ser estas:

1 — "Atirei um limão verde  
Por cima da sacristia;  
Deu no cravo, deu na rosa,  
Deu na moça que eu queria."

(Convém notar que Silvio Romero tinha coligido no Rio Grande do Sul esta variante: "Atirei um limão verde / Lá detrás da sacristia: / Deu no ouro, deu na prata, / Deu na moça que eu queria.")

2 — "A rosa tem vinte folhas,  
O cravo tem vinte e uma;  
Andam os dois em demanda  
Porque a rosa quer mais uma."

3 — "A laranja quando nasce,  
Nasce logo redondinha;  
Tu também quando nasceste  
Nasceste para ser minha."

4 — "Amor do perto é querido,  
De longe mais estimado;  
De perto me causa pena,  
De longe, maior cuidado."

○○○

Por um rápido exame, o leitor perceberá que, nas quadras apresentadas a seguir, já se acentuam as diferenças entre as versões açorianas e as suas correspondentes guascas. Nos dois primeiros exemplos, o sentido mantém-se fiel, mesmo quando haja versos diferentes e palavras substituídas. Da Ilha de São Miguel:

"Antes eu nunca te vira,  
Nem em ti amor pusera;  
Penas não padeceria  
Se eu de ti nunca soubera."

Do *Concionero Guasca*:

"Antes eu nunca te vissei...  
Te visse e não te quisei!...  
Trabalhos não passaria  
Se eu de ti nunca soubesse."

Ainda da Ilha de São Miguel:

"A fada, quando arrebenta,  
Arrebenta pelo pé;  
Assim arrebenta a língua  
De quem diz o que não é."

Do Rio Grande do Sul:

"A açucena quando nasce  
Arrebenta pelo pé;  
Assim arrebenta a língua  
De quem diz o que não é."

○○○

As vezes, porém, um verso aparece alterado, que, sem prejudicar o conceito final da quadra, lhe modifica de algum modo a intenção, como nos dois casos seguintes. Da Ilha de Santa Maria:

1 — "Aqui tens meu coração,  
Se o quiseres matar bem podes:  
Olha que estás dentro d'ele,  
Se o matas, também morres."

Da Ilha de São Miguel:

2 — "Amar e viver ausente,  
Isso faz qualquer amante;  
Amar depois de ofendido,  
Só eu, porque sou constante."

Correspondentes, do *Concionero Guasca*:

1 — "Aqui está meu coração;  
Pra matá-lo, pra que corres?...  
Olha que estás dentro d'ele...  
Se me matas, também morres."

2 — "Amar e trocar amor,  
Isso faz qualquer amante.  
Amar depois de ofendido,  
Só eu, porque sou constante."

○○○

Noutro exemplo, só um verso da quadra permanece inalterado. Da Ilha de São Miguel:

"A açucena co-o pé na água  
Pode estar quarenta dias;  
Eu sem ti nem uma hora,  
Quanto mais noites e dias."

Do Rio Grande do Sul:

"Alecirim metido n'água  
Pode estar quarenta dias;  
Um amor longe do outro  
Marcha as suas alegrias."

○○○

Silvío Romero tinha coligido no Rio Grande do Sul a cantiga: "Nas ondas do mar se cria / Rei dos peixes nadadores; / No mundo também se criam / Olhos pretos matadores." É a trova que o *Concionero Guasca* assim registra:

"Nas ondas do mar se criam  
Peixes que nadam bem;  
Eu também 'stou me criando  
Para regalo de alguém."

Apesar da fraqueza do segundo verso (devia ser "Peixinhos que nadam bem"), essa versão é mais fiel ao exemplo micaelense:

"À beira da água se criam  
Os peixinhos nadadores;  
Também eu me estou criando  
Para provelto de amôres."

○○○

Curioso exemplo de alteração de estrutura é o que se passa com esta quadra da Ilha de São Jorge:

"A viola, sem a prima,  
É como a filha sem pai:  
Cada corda seu suspiro,  
Cada suspiro sen ai."

Os dois primeiros versos, embora não em seguimento, se encontram em muitas versões, tanto em Portugal como no Brasil. Romero recolheu, no Rio Grande do Sul: "A viola sem a prima, / A prima sem o bordão, / Parece filha sem pai, / Corrida do seu irmão." Americano do Brasil encontrara a mesma trova com este verso final: "No poder de seu irmão". Afrânio Peixoto registra uma variante: "A viola sem a prima, / A prima sem o bordão, / Parece mãe sem filha / A irmã sem seu irmão." (O terceiro verso, naturalmente, deve ser "Parece mãe sem a filha", como se encontra no *Cancioneiro de S. Simão de Novais* de J. Pires de Lima.) Todas essas variantes de parentesco parecem decorrer do nome de *prima* dado à primeira corda da viola. E esta é a forma com que a quadra aparece no *Cancioneiro Guasca*:

"A viola sem a prima,  
A prima sem o bordão,  
Parece filha sem pai,  
Ausente do seu irmão."

Finalmente, chega-se a um interessante exemplo de fragmentação, com esta quadra de São Miguel:

"As águas são corredias,  
Correm por baixo do chão;  
Por ditoso te acharias  
Bebendo-as da minha mão."

Por certo aprumo de linguagem e sua dupla rima, tem-se a tentação de julgar a quadra como de origem culta. Seja como for, já Romero registrara uma versão gaúcha dessa cantiga, levemente deformada: "Águas claras, correntias, / Correm por baixo do chão; / Por ditoso me daria / Beber água da tua mão." No *Cancioneiro Guasca*, porém, a quadra se apresenta assim:

"Águas claras, correntias,  
Passam por baixo do chão;  
Abre-te, peito adorado,  
Quero ver teu coração."

Não apenas se fragmentou a quadra: por um fenómeno de justa-posição, ligou-se a dois versos que provêm de um ciclo de cantigas portuguesas encontradas no Continente, e de que um dos mais belos espécimes é o que diz: "Abre-te, campá adorada, / Minha amada quero ver; / Quero beijar o seu rosto, / Antes da terra o comer."

000

Aproveitamos, finalmente, este exemplo para apreciar um caso de sobrevivência folclórica de um único verso inicial, ou seja, o início de um ciclo de trovas pela constância do primeiro verso. É a quadra de São Miguel, que diz:

"Ausente do bem que adoro,  
Não tenho gosto de nada;  
Na solidão em que vivo,  
Sómente o choro me agrada."

A quadra correspondente, no *Cancioneiro Guasca*, é a seguinte:

"Ausente do bem que adoro,  
Meu amor não faz mudança;  
Quanto mais ausente vivo,  
Mais o trago na lembrança."

000

Como nota final a estes breves apontamentos, é interessante observar que, na sua maioria, os exemplos confrontados pertencem, no *Cancioneiro Popular Açoriano*, à Ilha de São Miguel. E não se pode deixar de lamentar que uma obra tão importante como esse cancionário, organizado por Armando Côrtes-Rodrigues, grande poeta e apaixonado cultor das tradições açorianas, tenha sido interrompida, — oxalá por pouco tempo — privando-nos de uma fonte de estudo comparativo que é ao mesmo tempo uma fonte de encantamento lírico, pela beleza que caracteriza a poesia popular açoriana, e especialmente a de São Miguel.